

A PERSPECTIVA HISTÓRICA EM *A MONTANHA MÁGICA*, DE THOMAS MANN¹

THE HISTORICAL PERSPECTIVE IN *THE MAGIC MOUNTAIN*, BY THOMAS MANN

Carolina Marchesin Moisés²

Resumo: Ler *A Montanha Mágica* é ler a história do início do século XX. A literatura fundamental da época, através da história da viagem de um jovem alemão a um sanatório na Suíça, traz diversas visões do novo século e pode dar pistas sobre a sociedade europeia naquele momento. A partir da história do jovem Hans Castorp, Thomas Mann traça um panorama das questões filosóficas, estéticas, políticas e literárias de sua época, sendo a obra caracterizada pelo próprio autor e seus críticos como um romance de época, que pretende fazer uma apresentação do seu presente. Porém, como o livro foi escrito em um período longo e conturbado, mostra uma escrita ainda mais interessante aos olhos do historiador: a do tempo em transformação.

Palavras-chave: literatura; Thomas Mann; século XX.

Abstract: Reading *The Magic Mountain* nowadays is to read the history of the early twentieth century. The fundamental literature of that time, through the story of a journey taken by a young German man to a sanatorium in Switzerland, brings different visions of the new century and can show us hints about European society of that time. Through the events of the young Hans Castorp's life, Thomas Mann brings a panorama of the philosophical, aesthetic, political and literary matters of his time, with the work characterized by the author himself and his

¹ A pesquisa aqui apresentada é fruto de um trabalho final realizado no primeiro semestre de 2017 para as disciplinas de Teoria da História III e História Contemporânea I, ministradas respectivamente pelas Professoras Doutoras Andréa Doré e Karina Kosicki Bellotti, do Departamento de História da UFPR.

² Mestranda e graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista do PET História da UFPR entre 2015 e 2017.

critics as a period novel, which aims to paint a portrait of his present time. However, since the book was written over a long and troubled period, it shows an even more interesting writing in the eyes of historians: one of times of change.

Keywords: literature; Thomas Mann; twentieth century.

Introdução

Escrita antes, durante e depois da Primeira Guerra Mundial, e publicada pela primeira vez em 1924 na Alemanha, a história de *A Montanha Mágica* é uma narrativa sobre o tempo, mas um tempo que se faz confuso e não-linear. Isso porque, apesar de ser próxima dos leitores contemporâneos à sua primeira publicação, a Guerra os distancia dos primeiros contatos com o personagem de Hans Castorp. A Primeira Guerra é um evento que causa forte ruptura na cultura europeia, e a obra de grande magnitude construída por Mann em 12 anos nos mostra seus impactos, assim como o leitor e o narrador enxergam a história em retrospectiva, sabendo dos acontecimentos que mudaram o início do século XX.

O livro traz a história do jovem Hans Castorp, um alemão recém-formado em engenharia, que pretende visitar um primo adoentado no Sanatório Berghof para tuberculosos, em Davos, na Suíça. Aos poucos, o personagem principal se vê parte da sociedade do local e descobre estar ele também com suspeitas de tuberculose e, então, decide por lá permanecer até que esteja curado. Durante esse tempo, que passa de forma fluida e, portanto, não tão perceptível ao leitor, Hans Castorp presencia diversos acontecimentos que o afastam cada vez mais de sua vida na planície. Thomas Mann, através da história de Hans Castorp, faz um panorama das questões filosóficas, estéticas, políticas e literárias da

sua época, a partir de profundas discussões de cunho pedagógico e dos relacionamentos que se desenvolvem entre europeus dos mais diversos países no sanatório Berghof.

A vida “do lado de cima”

Temos como personagem principal a figura de Hans Castorp, apontado pelo narrador como desinteressante logo no início da leitura, mas que mostra-se ao longo da história como a personificação do paradigma do jovem burguês europeu do início do século XX. O jovem chega à Montanha, em Davos, com a intenção inicial de estender sua visita por no máximo três semanas para logo voltar a seus afazeres e compromissos em Hamburgo, mas assim que chega à estação de trem e afirma essas intenções a Joachim, o primo lhe responde: “três semanas representam quase nada para nós aqui em cima. (...) ‘Regressar daqui a três semanas’ é uma ideia lá de baixo” (MANN, 2016: 17). Sua estadia na Montanha lhe provará a realidade das palavras de seu primo, e a grande diferença na percepção do tempo dentro do sanatório e fora dele.

A percepção da passagem do tempo pelo leitor acompanha a de Hans Castorp. É quase que assustador descobrir que se passaram cerca de 100 páginas do livro, e o relato ainda é do primeiro dia da estadia de Hans Castorp no sanatório Berghof, com passagens de espanto e descoberta. Depois, quando o personagem já está acostumado à rotina, as páginas passam depressa, deixando de focar no tempo. Quando o fim de sua estadia prevista de três semanas está chegando, o personagem passa a temer a volta para a planície, e encontra nos sintomas de tuberculose – que muitas vezes parecem duvidosos ao leitor – a razão

para permitir-se ficar no sanatório por mais tempo, assim acomodando-se à realidade e à rotina do Berghof, e deixando de notar o tempo como uma figura de controle.

O tempo é o fio condutor da narrativa de Thomas Mann, às vezes imperceptível, mas sempre voltando à tona, porém não é somente a partir dele que podemos contrastar a obra com a realidade do século XX. Esta função é cumprida pela comunidade frequentadora do sanatório Berghof, caracteristicamente internacional, que mostra em sua rotina fatigante as questões que afetam a Europa do pré-guerra. Mesmo não sendo um livro de ações frequentes, percebe-se nas conversas e aventuras amorosas o reflexo da sociedade europeia, com as contradições e interações que envolvem os mais diversos países. Traremos então a apresentação de quatro personagens essenciais à trama que ajudam a esclarecer esse ponto.

Logo no início do livro, Hans Castorp conhece a figura de Lodovico Settembrini, que se apresenta como um humanista italiano de grandes influências iluministas, anticlericais e liberais. Settembrini toma o jovem Castorp como laboratório para seu projeto pedagógico, tornando-se seu tutor e provocando diversas discussões que inspiram a formação intelectual do personagem principal. Em oposição ao italiano, surge mais à frente o judeu Leo Naphta, de formação jesuíta e clerical, que reforça constantemente as falhas na formação de Settembrini. A partir do conhecimento desses dois personagens, estabelece-se uma disputa ideológica pela formação do jovem. Outra personagem importante é a russa Clawdia Chauchat, que apesar de não ter influência pedagógica sobre Hans Castorp, é objeto de suas reflexões amorosas, e

mostra-se desinteressada da ciência. O último personagem a aparecer no livro, mas que é uma das figuras inesquecíveis da obra, é Mynheer Peeperkorn, holandês acompanhante de Clawdia que se mostra muitíssimo atraente aos moradores do sanatório por ser uma personalidade – como o caracteriza Hans Castorp – de traços dionisíacos.

Todos esses personagens exercem influências diferentes sobre a figura de Hans Castorp e, como visto, possuem peculiaridades referentes às suas origens nacionais. Clawdia Chauchat é objeto de atenção do protagonista desde o começo por se mostrar uma figura totalmente oposta a ele – ele a percebe pela primeira vez ao descobrir que a pessoa que lhe irritava por bater as portas do refeitório ao entrar é a moça. A partir de então, passa a reparar em seus modos e trejeitos, e a caracterização de Chauchat é feita em oposição à dele, mostrando-se pouco civilizada em suas maneiras e hábitos³, possivelmente por ser da Rússia. Os originários desse país, considerado oriental, eram chamados de “russos distintos” pelos habitantes do Berghof. O contraste social é claro entre o personagem principal e Madame Chauchat, o que espelha a estranheza com que a maior parte dos países europeus enxergava a Rússia no início do século XX: um país atrasado, majoritariamente agrário, e com movimentos contra o czarismo que desafiavam o nacionalismo que se espalhava nos demais países. De acordo com Gabriel Jackson em estudo sobre a obra de Mann, o autor compartilhava da convicção da classe dominante alemã que caracterizava a Rússia

³ Em outros momentos, porém, Chauchat mostra aproximar-se da “civilização” europeia, por exemplo, ao fazer bom uso da língua francesa.

enquanto país atrasado e parte do despotismo asiático que levara a Alemanha a uma guerra de sobrevivência (JACKSON, 1990: 130), visão que aparece em sua obra através do narrador principal, em seu juízo acerca dos demais personagens. Assim que a moça toma sua atenção, ainda há uma relação com o passado que leva Hans Castorp a depositar nela suas atenções, pois faz uma comparação entre ela e Pribislav Hippe, um colega de infância por quem sentira atração. Toda sua atração é, então, construída com base na oposição de Chauchat a si mesmo e na lembrança de um amor suprimido por Pribislav, colocando em conflito o passado e o presente.

A moça, em seu primeiro diálogo com o personagem principal, traz a visão de uma russa sobre a Alemanha ao comentar sobre Hans Castorp: “burguês, humanista e poeta: eis o alemão completo, como deve ser!” (MANN, 2016: 387). A conversa entre os dois personagens ocorre em uma noite de carnaval, e poucos dias depois Chauchat vai embora da Montanha. É à sua espera que Hans Castorp se mantém no local por tanto tempo, não mais sabendo diferenciar sua paixão da doença que demonstra ter. Quando ela volta, porém, traz consigo o irreverente Peeperkorn, que apesar de sua curta aparição, atrai Hans Castorp de uma forma diferente. Ele é ainda mais oposto ao protagonista, promovendo longas noites regadas a vinho e brincadeiras, e incitando a diversão no Berghof. Peeperkorn é dono de um passado que envolve o colonialismo, tendo sido grande comerciante do açúcar holandês, e é o único personagem da narrativa que faz menções aos povos nativos das colônias. É fascinado pelo assunto das ervas medicinais e atribui aos indígenas da América do Sul seu conhecimento

de longa data, afirmando que “os conhecimentos que os povos de pele escura haviam desenvolvido com respeito às drogas eram muito superiores aos nossos” (MANN, 2016: 667). Assim, além de mencionar os povos não-europeus, o holandês traz à tona as tradições do colonizado, consideradas místicas para os europeus, pois opostas à civilização e ao progresso.

O assunto da visão do outro aparece poucas vezes para além das afirmações de Peeperkorn, mas geralmente é voltado ao oriente em contraposição ao ocidente. Tal controvérsia é, inclusive, mais um dos assuntos no campo de batalha entre Settembrini e Naphta, que serão caracterizados adiante. Enquanto Settembrini defende que “cabem ao homem ocidental a razão, a análise, a ação e o progresso, não a cama onde se espreguiça o monge” (MANN, 2016: 436) e “A Ásia nos devora!” (MANN, 2016: 278), Naphta o responde em crítica, afirmando que “aos monges deve-se a cultura do solo europeu. Graças a eles a Alemanha, a França e a Itália deixaram de estar cobertas de mato virgem e de pântano e nos fornecem trigo, frutas e vinho” (MANN, 2016: 436). Esses posicionamentos aqui expostos são parte de algo maior: o culto ao ocidente de Settembrini é reflexo do culto à razão iluminista, e a oposição de Naphta está conectada ao seu pessimismo em relação ao futuro da civilização.

Settembrini faz menções constantes à cultura italiana, inclusive fazendo referência à sua figura como o Virgílio do Dante que vê em Hans Castorp, trazendo à tona a obra *A Divina Comédia*. Sua postura de humanista, compatível tanto com o Renascimento – do qual retoma elementos nacionais -, quanto com o Iluminismo é colocada sempre que

defende, em oposição a Naphta, o “auto-aperfeiçoamento moral e intelectual do homem, assim como uma sociedade cujo governo respeite as liberdades individuais” (SANTOS, 2011: 5). É evidente sua postura iluminista quando mostra uma intensa defesa do progresso, afirmando ser parte de uma Liga Internacional para a Organização do Progresso, para a qual contribui organizando uma enciclopédia. Settembrini, porém, mostra-se contraditório em suas ações, pois ao mesmo tempo que recusa a guerra como sinal de progresso, a invoca em forma de um nacionalismo exacerbado. Além disso, o italiano ainda expressa suas visões do oriente mais a frente, em uma de suas palestras acerca da necessidade do progresso, em que estabelece dois princípios que disputam o mundo, mostrando a oposição entre ocidente civilizado (por ser berço da crítica e do progresso) e o oriente inerte (ainda não prestigiado pela razão).

O personagem Naphta é também dotado de contradições, que se relacionam à sua vivência. Vindo de uma família de judeus, por circunstâncias da morte de seu pai aproximou-se do modo de vida jesuíta, onde encontrou uma vida estabelecida e a oportunidade de dedicar-se ao aprendizado que lhe é tão caro. Forma-se com essas bases uma postura conservadora, mas que deposita sua fé na revolução social, refutando todo e qualquer pensamento de Settembrini acerca da civilização, do homem e do progresso, colocando-os sobre a base da burguesia errante⁴. Naphta aproxima-se inclusive do comunismo, acreditando que este seria um período de transição necessário, pois “sua

⁴ Aos olhos de Naphta, a burguesia erra ao se desapegar da religião e concentrar-se apenas sob a cultura. Seria necessário, assim, que a classe se organizasse em busca de um realinhamento.

incumbência é espalhar o terror para a salvação do mundo e para a conquista do objetivo da redenção, que é a relação filial com Deus, sem Estado e sem classes” (MANN, 2016: 465). Em um estudo já realizado acerca das discussões políticas em *A Montanha Mágica*, a figura de Naphta é colocada como o meio de Thomas Mann para tratar dos movimentos totalitários que começavam a aparecer, como o nazismo e o stalinismo (JACKSON, 1990: 125).

Seus embates com Settembrini são frequentes, sempre trazendo à tona o tempo, a religião, o Estado e a guerra. Suas contribuições para a figura de Hans Castorp ajudam a formar a intelectualidade do personagem principal, de certa forma distanciando-o da nebulosidade e alienação da Montanha, e colocando-o em contato com a realidade que assola a planície. Settembrini, por exemplo, insiste para que ele leia jornais – o que não faz -, e ambos comentam a vinda da guerra que se desenrolaria no futuro, Naphta com esperança de mudança e Settembrini com um mau pressentimento.

Michael Löwy e Robert Sayre em seu livro *Revolta e Melancolia* fazem um estudo do romantismo, subdividindo-o de acordo com suas mais diversas características, ainda que sempre regido pela nostalgia de um passado e pelo sentimento anticapitalista. Em meio às classificações, Thomas Mann é colocado como um “romântico resignado” (LÖWY; SAYRE, 2015: 98), que lamenta não poder restabelecer o passado pré-capitalista, podendo se manifestar ou em uma visão trágica do mundo, ou por uma atitude reformista que deposita suas crenças nas instituições como remediadoras dos males do capitalismo. Vejo Naphta e Settembrini encarnando também esses

conceitos, o primeiro em seu posicionamento niilista e amargurado, o segundo crente na democracia e no progresso (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 98).

A comunidade que se estabelece no sanatório em Davos é, então, o reflexo de uma sociedade em crise mas que não a percebe, colocando-se como um mundo suspenso em contraposição à planície que não deixa sentir sua constante movimentação. É, ainda, o reflexo da crise interna de Thomas Mann, que parece colocar em Settembrini e Naphta suas contradições existenciais.

A concepção de tempo é aqui, mais uma vez, interessante de se analisar. Quando em uma reflexão sobre o tempo o narrador comenta que Hans Castorp já não sabia mais há quanto tempo estava na Montanha nem quantos anos tinha, afirma que

esse fenômeno é possível, já que não temos em nossas entranhas, em absoluto, um órgão para o tempo, o que nos torna incapazes de avaliar, nem sequer por aproximação, o decurso do tempo a partir de nós mesmos e sem basear-nos em indícios exteriores (MANN, 2016: 625).

A partir disso, podemos perceber a construção do tempo, mostrado por Thomas Mann como algo que não é natural ou inerente ao ser humano. É notável essa concepção também em E. P. Thompson, que demonstra que o tempo, antes da Revolução Industrial, apesar do relógio ser uma invenção medieval, era percebido pelas pessoas observando o ambiente. Cuidava-se da lavoura de acordo com a estação do ano, assim como se definiam os intervalos de trabalho de acordo com a passagem do dia. As fábricas mudam essa lógica, procurando

controlar o tempo através dos relógios, pensando sempre na produção industrial. Com a disseminação do capitalismo, a lógica de controle do tempo das fábricas se espalha pela sociedade, porque o trabalho industrial é disseminado - e o trabalho em si já é um componente fundamental de uma sociedade (THOMPSON, 1991). Então, Hans Castorp que estava acostumado a uma maneira de sentir o tempo pautada na lógica industrial quando na planície, ao se inserir em um ambiente em que essa lógica não existe, perde a percepção do tempo.

Outro elemento que mostra a alienação da sociedade da montanha em relação aos acontecimentos da planície é a própria doença, outro tema principal do livro. A tuberculose, doença que assolou a Europa na passagem do século XIX para o XX, é mostrada aqui da perspectiva da elite, que se refugia no sanatório quando encontra a mínima suspeita de manifestação da doença. O romantismo apropriou-se da tuberculose, fazendo dela o “mal do século XIX”, sempre associada à melancolia dos escritores românticos. Os maiores afetados pela tuberculose, porém, foram os trabalhadores, desde a Revolução Industrial. Encontrando na miséria e na situação insalubre das fábricas um ambiente propício, a doença se espalhava rapidamente entre os trabalhadores de baixa imunidade, que não tinham repouso a que recorrer. A realidade de Hans Castorp é então muito distante daquela que o mundo contemporâneo ao seu vivia, não só pelo seu distanciamento no alto da montanha, mas também pelo privilégio de pertencer a uma classe alta em oposição à classe trabalhadora que se mantinha na planície.

A doença e o corpo são fundamentais não só para o andamento da narrativa em *A Montanha Mágica*, mas também para as diversas

discussões filosóficas e para as decisões tomadas por Hans Castorp. Um tema ainda mais recorrente é a morte. São diversas manifestações dela durante o livro, nas quais é tratada de formas diferentes. A figura do protagonista sempre se mostrou ligada à morte, pois além de órfão perdeu o avô muito cedo. Ao chegar na Montanha, descobre que lá a morte é tratada de forma diferente da planície – quando chega ao quarto que será seu, Joachim comenta que a paciente que ali estava havia falecido recentemente, e acrescenta que “quando alguém morre, tudo se dá no mais estrito sigilo, em consideração aos outros pacientes (...). Você nem percebe quando alguém morre no quarto pegado ao seu” (MANN, 2016: 66-67). Hans Castorp estranha essa reação e, mais à frente, toma atitudes contrárias a isso, pois aproxima-se de diversos pacientes à beira da morte no sanatório, fazendo visitas junto de seu primo Joachim. Quando o primo vem a falecer, apesar da imensa tristeza, Hans Castorp não deixa de lado o sanatório para acompanhar seu enterro na planície. O mesmo acontece com a morte de seu guardião, um tio que o criou após a morte do avô.

Sua manifestação mais marcante de tristeza e desespero em face da morte é quando, em uma sessão mediúnica, Hans Castorp torna a ver Joachim em espírito. Chegara ao sanatório uma moça mediúnica, e em torno dela organizaram-se diversas sessões de mesa branca para entrar em contato com o espírito que esta dizia conhecer. O jovem participara apenas da primeira sessão e depois se afastara das reuniões, que se tornaram semanais, mas quando o tal espírito prometeu mostrar a quem desejasse a visão de uma pessoa já morta, Hans Castorp foi atraído pela emoção. Assim, pediu pela visão de Joachim, e junto a outros teve seu

pedido realizado, caindo em prantos ao ver a imagem do primo e então deixando a sala.

A relação entre vida e morte é própria do romantismo que toma forma na Europa no século XIX, e mostra-se como apenas uma das diversas contradições que tem espaço no romance. A vida no sanatório parece, conforme a leitura, uma prova de que a vida é mais valorizada quando a iminência da morte é maior, o que salienta novamente a influência do cenário pós-Primeira Guerra, em uma análise crítica de Thomas Mann aos horrores e mortes que assolaram a Europa. Hans Castorp tem diversas reflexões acerca desses assuntos, talvez a mais importante delas derivada de um acontecimento marcante em sua passagem nos Alpes, quando sai para esquiar e se vê preso em uma tempestade de neve. Confuso e sem saber o que fazer, abriga-se perto de uma cabana onde adormece involuntariamente, e tem um sonho que traz cenários de um povo agindo de forma bonita e com plena cortesia. Ao refletir sobre o sonho e as diversas conversas filosóficas que teve com Settembrini e Naphta, chega à conclusão de que “em virtude da bondade e do amor o ser humano não deve conceder à morte poder algum sobre seus pensamentos” (MANN, 2016: 571), ou seja, que o amor é a única forma de transcender a morte.

Além desses assuntos, o mais interessante talvez seja a relação frequentemente disputada entre religião e ciência. De início, Hans Castorp mostra-se não muito ligado à religião, apesar de ser protestante, mas logo no início do livro vemos que sua memória de tradição familiar está ligada a uma pia batismal quando lembra-se de sua infância e do avô contando-lhe as histórias da família, como em uma regressão ao

passado. Essa tradição, porém, ficou na planície, e no sanatório Hans Castorp tem outros momentos que trazem à tona a religião. Um deles é durante o sonho já mencionado acima, quando encontra um santuário e, dentro dele, a execução de um sacrifício infantil. Esse momento é novamente importantíssimo para a formação do protagonista, pois sua conclusão de que o amor é a única forma de transcender a morte é, ao mesmo tempo, uma escolha pelo equilíbrio entre a vida e a morte, a razão e a irracionalidade – dualidade que se mostrou vívida em Settembrini e Naphta durante toda a obra. A memória desse sonho, porém, escapa a Hans Castorp assim que ele se acostuma novamente à rotina do sanatório. A nova aparição da religião só se executaria com a chegada de Peeperkorn à Montanha, associado ao deus grego Dionísio, como já comentado, que apresenta-se como o equilíbrio espiritual entre seus dois líderes pedagógicos (WEBB, 2012).

O maior exemplo da disputa entre religião e ciência está entre os mentores de Hans Castorp: Naphta segue os princípios jesuítas, acredita na necessidade da Cidade de Deus através da revolução cristã, e Settembrini desacredita-o, com base no humanismo e no culto maçônico, colocando o racionalismo como principal feitor do progresso. O debate entre as duas figuras é constante, não havendo trégua, até que em um duelo de pistolas proposto por Naphta, este acaba por cometer suicídio quando Settembrini se recusa a atirar em direção a ele, trazendo à tona mais uma vez a obscuridade da morte. Esta é uma das passagens finais do livro, que resulta no adoecimento cada vez maior de Settembrini. Logo em seguida, porém, irrompe a Primeira Guerra Mundial:

um trovão histórico, diga-se com discreta reverência, que abalou os alicerces da Terra; e o trovão que, para nós, porém, fez explodir a montanha mágica e lança ante seus portões, insuavemente, o nosso dorminhoco (MANN, 2016: 819).

Hans Castorp, que antes estava seguro na nebulosidade da montanha mágica, vê-se então liberto e parte em direção à planície e à guerra.

É interessante como é colocada aqui a noção de liberdade. No início da narrativa, ao se ver como cada vez mais pertencente à Montanha, a liberdade de Hans Castorp foi seu desprendimento em relação à planície, ao enviar aos parentes uma carta dizendo que teria de permanecer ali por algum tempo. Agora, no final, a liberdade é a saída deste lugar que de certa forma o “aprisionou” por muito tempo. Aqui podemos fazer um paralelo com a filosofia da história de Hegel, que vê na síntese última da humanidade – ou seja, no fim da história – a liberdade sob um Estado. De certa forma é isso que se materializa no fim da narrativa: Hans Castorp cede sua liberdade, antes pertencente à realidade do sanatório, ao Estado pelo qual vai lutar na Primeira Guerra Mundial.

Algumas conclusões

Alguns estudiosos apontaram *A Montanha Mágica* como um romance de formação ou mesmo uma paródia desse gênero literário, o que possibilitou a Thomas Mann “tematizar as tensões entre mudança e conservação” e ainda ultrapassar outros limites como aqueles “entre estética e ação, e também entre a morte e a vida” (CALDAS, 2014:

108). Assim, caracterizado pelo próprio autor como “político-pedagógico” (CALDAS, 2014: 109) em suas cartas, revisitadas no estudo de Caldas, o livro torna-se uma forma de experimentação do passado.

O romance toma essa dimensão ao contar uma fase essencial na vida do homem que busca a razão: sua iniciação e maturação espiritual e intelectual. Ainda que pareça uma história simplória por essa descrição, mostra um jovem alemão descobrindo na montanha mágica coisas que não viria a encontrar na planície, no início do século XX. Descobre as mais diversas manifestações da religiosidade e da sexualidade, a indissociação de morte e vida, os movimentos intelectuais que tentavam explicar a realidade, ouve as menções a filósofos e historiadores conhecidos e desconhecidos a ele (Rousseau, Marx, Hegel, Voltaire), toma parte de momentos que significam uma ruptura em sua vida antes pacata e insignificante. Assim, fica clara toda a profundidade dos limites ultrapassados por Mann em busca de uma experiência formadora e política.

Há ainda uma série de simbolismos que rege toda a história: o sanatório e sua sociedade internacional formam uma Europa um tanto diferente daquela da planície, mas que não percebe suas artificialidades até que estoura a Grande Guerra. Assim, ela reconfigura o sentido do que é vivido do lado de baixo, distanciando-se da vida comum e da realidade a ponto de só se ver liberta quando o terror vem à tona.

Em Posfácio escrito para a edição brasileira de 2016, Paulo Soethe percebeu também o uso simbólico das mãos na obra de Mann, em gestos sempre conectados aos sentimentos mais profundos dos

personagens. A descrição inicial dos modos de Hans Castorp é feita de forma a salientar a delicadeza de suas mãos, e seu cuidado com elas; o mesmo acontece em relação a Clawdia Chauchat, pois o personagem principal se atenta à russa a partir do barulho que esta faz com as mãos, que em seguida é descrita pelo narrador como descuidada, mais uma vez ressaltando a já mencionada oposição à figura de Castorp. Mais à frente, seu primeiro sonho com Chauchat reflete sua atração erótica ao figurar um contato entre suas mãos. A mão se mostra ainda como um símbolo para a morte e a vida, assume tons ora estéticos ora carregados das reflexões sociais do protagonista. Por fim, quando eclode a Guerra e Hans Castorp tem de voltar à planície, “o cenário de horror da guerra é descrito com um apelo sensorial único no romance” (SOETHE, 2016: 841), e, em meio à guerra, temos a última ação de Castorp: ele pisa sobre a mão de um camarada que jaz na lama.

A Montanha Mágica torna-se, assim, um “diagnóstico único do tempo, das noções, esperanças e equívocos que antecederam a grande tragédia” (SOETHE, 2016: 842), movendo-se entre “macro e micro, sociedade e indivíduo” (GAY, 2010: 87) ao colocar a figura de Hans Castorp como a de qualquer alemão de classe média que não esperava os acontecimentos vindouros da Guerra, mas que acabou por sair da enevoadada montanha para o esclarecimento.

Bibliografia

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JACKSON, Gabriel. La Montaña Magica como novela politica. *Revista del Centro de Estudios Constitucionales*, n. 5, Janeiro/Abril 1990, Madrid. p. 125-134.

LÖWY, M.; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, Kaio. O duelo filosófico entre Settembrini e Naphta em “A Montanha Mágica”. *Revista Noctua*, Brasília, v. 1, n. 3, jan. 2011. p. 1-13.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WEBB, Eugene. *A pomba escura: o sagrado e o secular na literatura moderna*. São Paulo: É Realizações. 2012.

Recebido em: 05/08/2019

Aceito em: 30/06/2020